

## **GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COMO MECANISMO DE COMBATE À PRECONCEITOS E DESIGUALDADES NAS ESCOLAS<sup>1</sup>**

Adriana da Silva Dias<sup>2</sup>  
Melcka Yulle Conceição Ramos<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo discorre sobre os estudos de gênero e sexualidade. Por um longo período as construções das identidades dos sujeitos foram moldadas em paradigmas essencialistas acerca das suas características físicas e cognitivas. Nesse sentido, o presente artigo preocupa-se em abordar os conceitos gênero e sexualidade; descrever como gênero e sexualidade podem ser trabalhados na escola; mostrar as percepções dos/as alunos/as do 1º ano e do 3º ano do Ensino Médio, referente a gênero e sexualidade em uma escola da rede pública estadual de São Luís – Maranhão. E por fim, apresentar os resultados de práticas pedagógicas de intervenção desenvolvidas acerca das temáticas com os/as estudantes. A abordagem teórica metodológica cujos dados do levantamento bibliográfico e dos dados oriundos do campo foram analisados foi a abordagem qualitativa. Constatamos que as categorias de gênero e sexualidade precisam cada vez mais serem inseridas nas práticas escolares, como estratégias de rompermos com os mitos, tabus, estereótipos e discriminações que têm resultados negativos na vida humana.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, Educação, Ensino Médio.

### **INTRODUÇÃO**

Desde a antiguidade as relações entre homens e mulheres estiveram fundamentadas em estereótipos e preconceitos que legitimaram as desigualdades sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Felizmente, tais relações dissemelhantes foram contestadas, principalmente, a partir de estudos do movimento feminista desenvolvidos na década de 1960, que problematizaram o termo “gênero”.

Nessas circunstâncias, o uso do termo "gênero" visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois traduz uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulher”. Assim, “Gênero” parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim,

---

<sup>1</sup>Este trabalho é resultado de um Relatório Final de Pesquisa da Disciplina Prática Curricular na Dimensão Escolar, ministrada no Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, São Luís/MA.

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, adrianadias93@gmail.com .

<sup>3</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, melcka\_ramos@hotmail.com .

da política (supostamente ruidosa) do feminismo. [...] “Esse uso do termo “gênero constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80” (SCOTT, 1995, p. 75).

A substituição da nomenclatura “gênero” foi necessária também para argumentar a ideia de que os papéis desempenhados por mulheres e homens na sociedade estavam fundamentados nas diferenças biológicas (LOURO, 1997). Ou seja, intrínsecos ao patriarcado e androcentrismo, ao nascermos somos direcionados aos padrões de gênero vigentes na sociedade, cria-se expectativas distintas de acordo com o sexo biológico da criança. Sendo, assim, são pré-estabelecidas, formas de pensar, agir e sentir para homens e mulheres.

A sexualidade é biológica, mas acredita-se que, a expressão individual da mesma passa por regimes sociais e pelas manobras de poder. Desse modo, entende-se que as construções das identidades de homens e mulheres numa sociedade, nunca é dada, e sim, construída. O sexo é relativo aos órgãos genitais, por outro lado, a sexualidade envolve as diversas formas de como os sujeitos lidam com os prazeres, o que acaba sendo mais cultural do que biológico (FOUCUALT, 2011; LOURO, 1997).

Nesse sentido, a escola como instituição social não é imparcial às condutas de gênero e sexualidade, implantadas por um regime heteronormativo e binário. A educação formal no âmbito das desigualdades de gênero é produtora e reprodutora de estereótipos, discriminações e preconceitos acerca de seus partícipes, desde os currículos formais, perpassando pelos currículos real e oculto da mesma. Tais estigmas se fazem presentes, nos conteúdos e habilidades apresentados à escola e nas diferentes maneiras que a mesma desenvolve suas práticas pedagógica e educativa, uma vez que é possível encontrá-los engendrados nas brincadeiras recreativas, na divisão da sala de aula, nas datas comemorativas e na legitimidade atribuídas as diferentes formas de aprendizagens entre meninos e meninas, nesse espaço.

Ao considerarmos o atual cenário da sociedade, de modo particular, a brasileira, que vivencia uma constante desarticulação de políticas educacionais de inclusão e de respeito às diversidades dos sujeitos que integram os grupos da minoria. <sup>4</sup>Torna-se pertinente analisar

---

<sup>4</sup> De 2018 até os dias atuais, observamos uma maior frequência de representantes com posições contrárias às políticas públicas e educacionais, a qual oferecem novas articulações e ações nas categorias de gênero, étnico-racial, classe e das pessoas com deficiências. Durante décadas muitas pessoas estiveram restritas aos direitos básicos na sociedade por estarem condicionadas aos padrões hegemônicos dominantes. Foi só a partir de uma série de movimentos e lutas sociais de resistências que foi possível alcançar perspectivas mais positivas no campo político, educacional, social e cultural. Entretanto, constantemente temos presenciados discursos embasados na misoginia, homofobia, segregação e todas formas de violação dos Direitos Humanos. O momento tem nos convidado a cada vez mais resistir e persistir na (re) construção de uma sociedade mais justa e equânime em todos os segmentos.

como tais temáticas estão sendo desenvolvidas no âmbito da educação formal, tendo em vista que as diferenças entre os sujeitos têm sido campo de justificativas para ações segregacionistas e de violências em todos os segmentos contra homens e mulheres. Por outro lado, entende-se também, que a escola deve ser um espaço oportuno para as discussões de gênero e sexualidade, numa perspectiva crítica-social dos paradigmas construídos entre os seres, que por conseguinte resultam em diversas desigualdades, a saber, educacionais, saúde, segurança e de trabalho.

Justifica-se que o desvelamento dessas temáticas no ambiente escolar é uma forma de oportunizar uma educação integral, ao considerar as identidades dos/as estudantes. Nesta direção, para a construção deste estudo, houve levantamento bibliográfico, que de acordo com Gil (2008), esse tipo de pesquisa é realizado com materiais já elaborados, tais como: livros, revistas, jornais, sites, etc. Desse modo, recorreremos aos estudos de Louro (1997); Scott (1995); Foucault (2011), Arendt (2004), Saffioti (2004), Beauvior (2008), Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, entre outros/as. Assim, discorreremos acerca dos conceitos de gênero, sexualidade e das práticas da escola.

Os objetivos desta pesquisa pautaram-se em: abordar os conceitos gênero e sexualidade; descrever como gênero e sexualidade podem ser trabalhados na escola; identificar as percepções dos/as alunos/as do 1º ano (42 estudantes) e do 3º ano (35 estudantes) do Ensino Médio, referente a gênero e sexualidade em uma escola da rede pública de São Luís – Maranhão. E por fim, apresentar o resultado de práticas pedagógicas desenvolvidas acerca das temáticas, com os/as estudantes. Os pressupostos teórico metodológicos utilizados neste estudo foi de caráter qualitativo, pois visamos compreender as temáticas gênero e sexualidade no contexto da educação formal.

Neste tipo de estudo o pesquisador (a) não necessita ser uma máquina objetiva na coleta de dados, mas, sim, precisa considerar o sujeito estudado. Por isso, quem trabalha com dados qualitativos não deve se preocupar em quantificar e sim “em compreender: este é o verbo da pesquisa qualitativa. Compreender relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações e a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente” (MINAYO, 2014, p. 24).

A segunda etapa do estudo se constituiu na pesquisa de campo, que ocorreu em uma escola pública da rede estadual de São Luís, na tentativa de identificar as percepções dos sujeitos pesquisados sobre a temática aqui apresentada. Para a coleta de dados realizamos os grupos focais a partir de 3 encontros, respectivamente em turmas de 1º e 3º ano. Apresentamos os objetivos da pesquisa para os/as estudantes dentro da própria sala de aula. Assim como utilizamos de materiais de apoio, tais como, imagens de corpos (masculinos e femininos), slides

com ilustrações e a partir disso, estimulamos a interação dos/as estudantes, em que se sentiram à vontade em expressar e descrever os diversos conhecimentos acerca dos termos gênero e sexualidade.

Nessa direção, foi possível constatar que os/as adolescentes apresentaram uma multiplicidade de estereótipos de gênero, tais como: mulheres devem se vestir melhor para não sofrer violências, a desigualdade de gênero não existe como antes, meninos são mais grossos e fortes, etc. E, por outro lado, a sexualidade, *linkada*, apenas, à fuga do padrão heterossexual das relações binárias. A partir disso, estabelecemos estratégias de intervenções acerca das temáticas nesse o espaço.

Utilizamos os vídeos retirados do *you tube* e slides com os seguintes conteúdos: conceitos de gênero e sexualidade e suas construções pelo viés de padrões culturais de uma parte hegemônica da população; Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST'S); gravidez na adolescência; pedofilia; aborto; violência contra mulher envolvendo a questão étnico-racial; machismo; homofobia; patriarcado; debates sobre a construção e desconstrução das relações de gênero e de respeito às diversidades; homossexualidade; heterossexualidade; bissexualidade; dentre outros/as.

Diante dessa intervenções pedagógicas, enfatizamos a importância de conhecer o significado de cada um, e de como o desenvolvimento de temáticas como gênero e sexualidade no espaço escolar, podem proporcionar relações mais equânimes entre homens e mulheres. Desmitificando assim, padrões de dominação e submissão, da mesma forma que tais articulações nas práticas da escola podem ajudar a prevenir diversas formas de doenças e o enfrentamento às manifestações das violências contra (crianças, adolescentes, homens e mulheres – binário e não-binário, e de todas as faixas etária).

Dos recursos didáticos – pedagógicos utilizados nas estratégias de intervenção, faz-se destaque à obra Literária do autor Monteiro Lobato “O sítio do pica-pau amarelo”. A narrativa foi apresentada aos estudantes através de um vídeo, mostrando – lhes determinadas cenas da história. As quais envolvem as diferenças de classes, de gênero e de raça. A fim de apresentar aos adolescentes que a mídia e a literatura não são imunes às reproduções de conteúdos estereotipados, e da construção cristalizada dos papéis sociais desenvolvidos pelos seres humanos, numa dada sociedade andocêntrica e de ideologias brancas e hegemônicas.

Portanto, ao longo da pesquisa de campo, por meio das ações pedagógicas, foram também expostos aos estudantes que seus processos formativos enquanto ser humano, assim como suas subjetividades, foram/são construídas sob ideais políticos, econômicos, religiosos, étnico-raciais, classista e de gênero. Na análise dos resultados percebemos que as concepções

referidas pelos sujeitos, sobre o objeto de estudo, ainda estão imersas em conceitos representativos de caráter difuso entre muitos deles. Apesar disso, ao final dos encontros, foi possível perceber novas articulações de cunho positivo dos participantes da pesquisa sobre as temáticas desenvolvidas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, a divisão de papéis sociais baseados no gênero são componentes das diversas desigualdades que permutam as vidas de homens e mulheres até os dias atuais. Onde é possível constar até os dias atuais, que tais assimetrias vivem num constante avanço e retrocesso do ponto de vista político, ideológico e social. Nesse sentido, vivemos até hoje as dissemelhanças no tocante às aquisições de direitos e deveres entre o sexo masculino e feminino. Mesmo constitucionalmente postos como iguais, sem distinção de sexo, raça e classe.

O gênero é um termo que surgiu a partir dos estudos do movimento feminista como categoria analítica das relações sociais e das representações atribuídas às mulheres e homens no âmbito da cultura. Simone de Beauvoir (1980) causou grande impacto no mundo ao dizer que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” e, como um estopim, a expressão possibilitou compreender a construção, o fazer-se mulher e homem como consequência das aprendizagens e práticas contínuas, mesmo sutis no campo social.

Entende-se que a desigualdade de gênero, não é um fator natural, mas sim, naturalizado e fomentado pela tradição cultural, pelas estruturas de poder e os agentes envolvidos nas tramas sociais. O poder é um processo de dominação, a qual a filósofa Hannah Arendt (2004), escreve que o poder cria e legitima signos de dominação, ao mesmo tempo, que funda a categoria de submissão. O poder estabelece regras, codifica maneiras de ser e pertencer, assim como sua coexistência é constantemente ressignificada no construto social.

Nessa perspectiva, nota-se que as relações de gênero foram construídas ao longo da história. Por um longo período a mulher esteve restrita a ingressar na escola no ensino regular, cujo ensino a ela destinado se resumia às prendas domésticas objetivando o cuidado do lar, marido e dos filhos, e para os homens as atividades estavam voltadas ao espaço público e ao domínio das ciências. Esse discurso social foi difundido por anos em diferentes sociedades, tornando como verdade que a fertilidade feminina seria comprometida acaso a mulher viesse a desenvolver tarefas na esfera pública (GARCIA, 2000).

Pode-se entender que gênero está diretamente associado à sexualidade, uma vez que a partir do sexo biológico, a sociedade impõe normas que disciplinam as crianças e os/as



adolescentes a se relacionarem com o sexo oposto para estar dentro dos padrões. O senso comum fundamentado em crenças pessoais, normas e valores, utiliza-se de discursos discriminatórios, reforçando a violência contra pessoas que fogem à heteronormatividade.

A sexualidade, até hoje, é vista como um comportar-se dos corpos, “[...] terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias [...]” (FOUCAULT, 2011, p.147- 148). Estes regimes que sustentam formas de mover-se, vestir-se, expressar-se e sentir-se. Tais disciplinas expressam e produzem desigualdades e coloca os sujeitos em posições antagônicas nas esferas sociais. A sexualidade carrega significados plurais, tais como, conhecer o próprio corpo, prevenir-se, emocionar-se, sentir-se e pertencer-se. É enxergar-se, movendo-se ao seu próprio encontro, sem atributos sociais, é descobrir suas identidades, sem necessariamente ser cópia do sistema binário e heteronormativo.

O ser diferente do modelo de normalidade imposto, apresenta espanto, olhares, separação e exclusão. Louro (1997, p. 28- 29) afirma que:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas.

Os meninos postos como do sexo masculino, são educados desde cedo pelo modelo de sociedade vigente, a serem fortes e a praticarem esportes que exija esforços físicos. Da mesma forma, que são instruídos a não demonstrarem “fraqueza” diante das dores. Nesse sentido, o masculino corresponde aos atributos da agressividade, de coragem e da força. Por isso, no dia-a-dia ouvimos a afirmação que – “homem de verdade não pode chorar”. Em contrapartida, as meninas, as quais estão associadas ao sexo feminino, na maioria das vezes, são tidas como frágeis, passivas, e assim, são educadas para serem dóceis, meigas, sensíveis e motivadas a praticar tarefas que não exijam esforços físicos (AUAD, 2019).

Acredita-se que “as representações sobre o masculino e o feminino, além do sexo dos sujeitos, são utilizadas para organizar as práticas escolares, são, contudo, silenciados nos discursos” (AUAD, 2019, p. 30). Por outro lado, defendemos que ela ainda é um espaço propício para tais desconstruções. Nesse sentido, os/as profissionais da educação também podem contribuir de maneira significativa para a construção de um contexto escolar harmônico e propício para diálogos e debates no que se refere a gênero e sexualidade, promovendo respeito entre os/as estudantes e os/as professores/as, uma vez que:

Essa presença de sexualidade (na escola) independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (LOURO, 1997, p. 81).

Nessa direção, é fundamental que os/as partícipes da escola, conheçam os mitos, a realidade e as diferentes manifestações da sexualidade, para que promovam uma abordagem natural e tranquila com os/as adolescentes. Visto que falar sobre a sexualidade na escola pode proteger essas crianças e adolescentes de diversas situações que por conseguinte compromete seu rendimento escolar. A gravidez na adolescência, por exemplo, pode desencadear uma série de modificações para as mulheres, tais como: problemas emocionais; dificuldades nas aprendizagens; abandono escolar; afastamento dos amigos, rejeição do namorado, da família e da sociedade, etc.

Ressaltamos que a educação sexual na escola pode proporcionar a prevenção para as crianças e as adolescentes que estão vulneráveis as quaisquer informações que chegam para eles sobre a sexualidade. Os principais motivos das lacunas referentes à essa temática é que a sexualidade ultrapassou gerações sendo um assunto proibido de ser discutido em qualquer instituição social. Outro agravante constitui-se no fato dos familiares não poderem acompanhar o desenvolvimento dos/as filhas, porque passam a maior do tempo trabalhando fora, ou em outros casos por negligência, assim, as crianças e os/as adolescentes fazem uso dos meios de comunicações e informações mais próximas para sanar suas curiosidades acerca da sexualidade sem a devida orientação e supervisão dos seus responsáveis.

Diante disso, as instituições de ensino podem auxiliar os pais e os/as filhos/as na educação sexual e de gênero tornando-os temas presentes em suas práticas pedagógicas e educativas. Ressaltamos que a inclusão da orientação sexual nas escolas, isto é, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, a partir de uma perspectiva democrática e pluralista, pode contribuir para o bem-estar das crianças, dos/as adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade (BRASIL, 1997).

No âmbito dessas discussões, pode-se também levantar questionamentos referentes à violência contra as mulheres, sejam elas: física; verbal; psicológica; sexual e moral. Geralmente as mulheres são objetificadas e vítimas dos diferentes tipos de violências seja na esfera pública ou privada. Sendo assim, é pertinente à escola aprofundar-se em temáticas educativas relacionadas a prevenção da violência contra as mulheres em todos os eixos, o

respeito pela pluralidade social e das diversas manifestações da sexualidade (Homossexualidade, Heterossexualidade, Bissexualidade, etc.). Além da prevenção à Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST'S), violências contra a população LGBTQIA+<sup>5</sup>, gravidez na adolescência, abuso sexual de crianças e adolescentes, dentre outros problemas sociais que venham reacender nesse espaço.

Nesse sentido, espera-se da escola a promoção de práticas pedagógicas e educativas que possa suscitar a alteridade, igualdade, equidade e o respeito às diversidades presente na sociedade, pois a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana e socialmente justa” (BRASIL, 2017, p.13). Dessa forma, ressaltamos que a escola pode contribuir para a superação dos paradigmas naturalizados como únicos e permanentes na vida do ser humano, não apenas refletindo sobre o que “se vai fazer”, nem o que “se deve fazer”, mas sobre o que “se faz”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as discussões estabelecidas, percebemos por parte dos/as estudantes algumas fragilidades acerca dos conceitos das temáticas referidas anteriormente. Observamos que os alunos do 3º ano se mostraram mais familiarizados com o assunto, apontando maior fluência durante o diálogo. Por outro lado, no que se refere os /as estudantes do 1º ano, estes demonstraram-se mais tímidos em externalizar seus conhecimentos e opiniões sobre o desvendar da temática. Assim, nos demais encontros foram desenvolvidas as práticas pedagógicas e educativas com base nas percepções dos/as estudantes acerca do tema em estudo.

Diante desse contexto, afirmamos que é na escola que os/as adolescentes passam maior parte do seu tempo, e iniciam as primeiras relações afetivas diferentes daquelas vivenciadas no seio familiar. Portanto, abordar sobre a sexualidade na escola torna-se “toda ação de ensino – aprendizagem sobre a sexualidade humana seja em nível de conhecimento de informações básicas ou discussões e reflexões de valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual” (FIGUEIRÓ, 1996, p.17).

A compreensão dos/as estudantes do 3º ano sobre a sexualidade e gênero refere-se às diversas manifestações sexuais, ao ato sexual e os preconceitos contra às mulheres. Tais percepções abriram espaço para o debate sobre o que é ser “homem e mulher” no contexto

---

<sup>5</sup>Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e mais.



social. Os/as estudantes ressaltaram a desigualdade salarial, desigualdade no mercado de trabalho, o homem sendo forte, independente e trabalhador. E, por fim, ressaltaram os diferentes estereótipos atribuídos às mulheres no contexto social:

Mulheres são julgadas de acordo com seu modo de vestir, nosso gênero “feminino” muita das vezes não é respeitado. Já o gênero masculino é bem “visto” na sociedade independente de suas atitudes sendo elas corretas ou não. Ex: homens que pegam ‘várias’ é chamado de ‘fodão’. Já a mulher é ‘chamada de puta’ entre outros nomes; Homem: forte, maduro, trabalhador, independente, sedutor Mulher: frágil, delicada, sonhadora, guerreira, independente, forte, responsável, sedutora, batalhadora; Gênero para nós: macho e fêmea, ou padrão cultural, a sexualidade e conhecer seu próprio corpo, desejar o prazer e emoção etc; Gênero é identidade da pessoa ela pode nascer com o gênero masculino e se identificar como o feminino; (informação verbal)<sup>6</sup>

Os relatos apresentados pelos/as estudantes possibilitaram o desenvolvimento de discussões significativas sobre o sistema social patriarcal, assim como a capacidade da mídia de potencializar os estereótipos de gêneros, principalmente no que se refere às mulheres, pois existem expressões que por vezes são suporte justificáveis para os diferentes tipos de violências sofridas pelas mulheres cotidianamente na nossa sociedade, entre tantas, as mais destacadas, são: “belas, recatadas e do lar”, “não se darem o respeito”, “saiu e voltou tarde”, “roupa imprópria”, etc.

Nesse contexto, exploramos ainda com os/as estudantes assuntos como gravidez na adolescência, a importância de conhecer-se, as facetas do abuso infantil, o direito da vivência plena, consciente e respeitosa da sexualidade, o respeito à diversidade sexual com ênfase às pessoas LGBTQIA+, pois a escola não está isenta das violências sofridas por esses sujeitos. Lima e Cunha (2019) nos alerta que a homofobia é um fenômeno “largamente presente no ambiente escolar brasileiro. Muitos/as adolescentes e jovens relatam ter sido marginalizados/as por educadores ou colegas devido a sexualidade.

Durante o desenvolvimento desse estudo na escola, observamos que apesar dos/as participantes estarem inseridos no meio social considerado moderno, em que as discussões a respeito da diversidade vêm ganhando maior notoriedade, muitos desses/as estudantes tendem a repetir pensamentos misóginos, segregacionistas e condicionados na binaridade de gênero. Na busca de desmitificar certos paradigmas destacados, apresentamos para os/as estudantes a literatura infantil “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que ocupou por anos os canais abertos da televisão brasileira. O enredo da história é recheado de preconceitos, e na mesma encontramos

---

<sup>6</sup> Informação fornecida pelos/as estudantes durante a pesquisa de campo, na Escola Estadual de Ensino Médio em São Luís, MA, em julho de 2019.

os mais visíveis estereótipos acerca das desigualdades de gênero, raça/etnia e classe. Por exemplo, a mulher negra (Tia Nastácia) sendo a empregada, a mulher branca (Dona Benta) chefe da casa, a menina (Narizinho) brincando com a boneca (Emília), o menino (Pedrinho) na cidade grande para estudar.

Nota-se que os espaços sociais são demarcados pelas composições dos valores culturais, que quase sempre, é perceptível nos programas de TV as relações das diferentes desigualdades sociais sendo difundidas como um padrão de vida natural do ser humano. É importante apontar que tais desigualdades foram naturalizadas e legitimadas até mesmo por nós receptores, além disso, a problematização desses mecanismos de discriminação levou décadas para ganhar as primeiras e as mais diversas problematizações. Por outro lado, quando os/as estudantes foram instigados a externalizar seus conhecimentos sobre a sexualidade relataram que: uma das opções sexuais são os grupos LGBT (lésbicas, gay, bissexual, transgêneros). Sexualidade de doença e prevenção, cuidar da saúde como HIV (informação verbal)<sup>7</sup>.

Comumente as pessoas relacionam a sexualidade à “opção sexual” do indivíduo ou ao ato sexual e órgão genital. Porém, a sexualidade está pra além do biológico, estudar sexualidade é conhecimento/cuidado do corpo é descobrir, sobretudo, suas identidades, prazeres e desejos. Dessa forma, detalhamos para os/as estudantes que a sexualidade pode também ser compreendida na prevenção do abuso sexual, e no uso dos métodos contraceptivos para prevenir a gravidez na adolescência e contra as DST's, tais como: pílulas, implantes, adesivos, injeções, anel vaginal e o DIU.

Salientamos que a instituição escolar não pode ser um espaço apenas para desenvolver competências e habilidades do Ensino médio, ditos obrigatórios da estrutura curricular, mas, esta deve promover um ensino – aprendizagem que possa suscitar sujeitos críticos – sociais, respeitando à diversidade, conhecedores de suas subjetividades, combatendo os preconceitos e discriminações que circunda seus contextos formativos. Além disso, a mesma deve propiciar estudos acerca da saúde física, psicológica e afetiva para seus membros atuantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando os dados coletados durante a pesquisa de campo, cuja análise qualitativa foi fundamentada à luz dos estudos sobre gênero e sexualidade, ressaltamos que a educação

---

<sup>7</sup> Informação fornecida pelos/as estudantes durante a pesquisa de campo, na Escola Estadual de Ensino Médio em São Luís, MA, em julho de 2019.

propiciada nas instituições de ensino pode favorecer a desconstrução dos preconceitos e estereótipos relacionados a gênero e a sexualidade prosseguidos ao longo do tempo no contexto social.

Nesse sentido, é fundamental trazer tais temáticas para o espaço escolar na perspectiva de promover uma formação que torne o sujeito mais crítico e reflexivo, sendo capaz de respeitar a diversidade ao ver o outro por uma óptica da igualdade e da equidade. Entendemos que a escola além de difundir os saberes científicos e culturais, deve proporcionar um ensino e aprendizagem capaz de romper os paradigmas que separam homens e mulheres na esfera social.

A partir da execução das práticas pedagógicas com os/as estudantes do Ensino Médio, tornou-se evidente que esses sujeitos ainda não possuem o domínio dos conceitos e construção das temáticas gênero e sexualidade apesar de serem pertencentes às vivências do ser humano. O que demonstra que tais temáticas devem ser incluídas no currículo vivenciado na escola, isto é, presentes no planejamento, do Projeto Político-Pedagógico aos planos de aula executados na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

AUAD, D. **Educar meninos e meninas**: relações de gênero na escola. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

ARENDR, Hannah. **Da violência**. Tradução: Maria Cláudia Drummond. Título Original: On Violence, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v. I, II. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Volume 10. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br>>. Acesso em: 02 mai. 2021.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Governo Federal, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br>>. Acesso em: 02 mai. 2021.

**Comissão Interamericana de Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://www.oas.org>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

FIGUEIRÓ, M.N.D. Educação Sexual e Política de Leturização: uma junção promissora. **Revista. Bras. Est. Pedag.** Brasília, v.76, n.184, p. 699-734, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Tania E. M. A educação na construção de gênero. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 1, 2000, Rio de Janeiro. Educação no Brasil: História e Historiografia.

Disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/152\\_tania.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/152_tania.pdf)>.  
Acesso em: 19 jan. 2021.

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós -  
estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LIMA, J. C; CUNHA, I. A. Parâmetros Curriculares Nacionais: Uma questão de gênero e  
diversidade sexual na Educação Contemporânea. **Revista Cantareira**, n. 24, 2019.  
Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27860>>. Acesso em: 30 jun.  
2021.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São  
Paulo: Hucitec, 2014.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª. ed. São Paulo: Fundação Perseu  
Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto  
Alegre, v. 20, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1995. Disponível em:  
<<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>> . Acesso em: 21 mai.  
2021.